

## Resenha

### *Referência da obra resenhada:*

CASTRO, Janio Roque Barros de. *Da casa à praça pública: a espetacularização das festas juninas no espaço urbano*. Salvador: EDUFBA, 2012. 340 p.

Vandelma Silva Santos<sup>1</sup>

Janio Roque Barros de Castro possui Graduação e Especialização em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), na Bahia, é Mestre em Geografia e Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Tem experiência docente nos diversos níveis de ensino e atualmente é professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus V*, Santo Antônio de Jesus, onde atua nas áreas de Geografia Cultural e Geografia Urbana e no Mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional.

Baiano, filho de um senhor chamado João, herdou do pai, nascido no período junino, o ofício de acender fogueiras na noite do santo homônimo. Como vários outros nordestinos, presenciou, nas últimas quatro ou cinco décadas, transformações nas tradicionais festas do mês de junho, que, à primeira vista, perderam boa parte de seu caráter espontâneo, simbólico, familiar e comunitário e passaram a atender a interesses políticos e mercadológicos. Articulando essa temática à sua formação acadêmica, Janio de Castro desenvolveu, no doutorado em Arquitetura e Urbanismo da UFBA, pesquisa sobre a atual dinâmica das festas juninas no interior da Bahia. Concluída em 2008, essa tese foi revisada para a publicação do livro *Da casa à praça pública: a espetacularização das festas juninas no espaço urbano*, lançado no ano de 2012.

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

A investigação empreendida por Castro insere-se nas discussões sobre o espaço urbano contemporâneo, particularmente sobre as relações entre cidade e cultura. Contribuiu para a interpretação de um processo flagrante em centros urbanos de grande porte, que é a centralidade assumida pela cultura e a mercantilização, espetacularização e turistificação de manifestações culturais. Para compreender esse processo em núcleos urbanos menores, realizou estudo de caso em três cidades de uma região baiana conhecida como Recôncavo Sul, que têm se destacado como polos de lazer festivo: Cachoeira, Cruz das Almas e Amargosa.

Em 2008, os três municípios investiam na “promoção de festas juninas espetacularizadas no espaço urbano”, objeto central da tese de Castro. A experiência de Cachoeira era mais antiga, remontando ao ano de 1972, quando, por iniciativa da Empresa de Turismo da Bahia (Bahiatursa), fora realizada a primeira festa concentrada da cidade. A festa pública de Cachoeira, que passou a ser promovida pela Prefeitura, era ligada à secular Feira do Porto, ocorria na orla fluvial – Rua Virgílio Reis e praças adjacentes – e ressaltava tanto o patrimônio histórico-cultural da cidade quanto as características do ambiente natural.

Em Cruz da Almas, a tradição da festa junina concentrada foi inventada pelas municipalidades em 1989, em substituição aos bailes de carnaval e à micareta. Era realizada na Praça do Parque Sumaúma, que dispunha de boa estrutura física, mas não de posição central na cidade. A praça da matriz, que apresenta essa centralidade, era ocupada por grupos que performatizavam a tradicional Guerra de Espadas, disputa lúdica realizada com artefato pirotécnico; grupos esses que - havia décadas - desafiavam o poder público instituído, que buscava normatizar essa prática. Além desses dois grandes eventos, ocorria no município uma festa privada de camisa, o *Forró do Bosque*, realizado em uma fazenda situada a quatro quilômetros da sede municipal.

Em Amargosa, as festas juninas concentradas começaram a ser promovidas pela Prefeitura em 1991, ano em que se comemorava o centenário da emancipação municipal. Ocorriam na Praça do Bosque e eram articuladas tanto às tradições populares quanto à imagem de cidade-jardim, devida às amplas e bem-cuidadas praças. As festas públicas dividiam o espaço midiático com o *Forró do Piu-Piu*, festa de camisa realizada no Hotel-fazenda Colibri, localizado na margem de uma rodovia estadual, no limite da área urbana.

Ao longo de todo o trabalho, percebe-se a articulação entre teoria e empiria, que permitiu ao pesquisador evitar explicações binárias ou reducionistas. O substrato material de sua pesquisa é amplo e diversificado: foram analisados e interpretados documentos oficiais, como planos estaduais de turismo, planos diretores urbanos e projetos de ações culturais; revistas e peças publicitárias lançadas por órgãos públicos; jornais locais e da capital do estado, das décadas de 1950 a 2000; depoimentos de agentes envolvidos e anotações de campo do próprio pesquisador. Produções acadêmicas e institucionais sobre a história e as características dos três municípios também foram consultadas.

No campo teórico, o número e a diversidade de estudiosos e pesquisadores citados – entre eles, Jean Duvignaud, Roberto DaMatta, Harvey Cox, Rita de Cássia Amaral, Johan Huizinga, Henri Lefebvre, Michel Maffesoli, Mircea Eliade, Luís da Câmara Cascudo, Hanna Arendt, Marc Augé, Gilles Deleuze, Felix Guattari, Nestor Garcia Canclini, Pierre Bourdieu, Milton Santos, J. Guilherme Magnani, Jean Baudrillard e Guy Debord – demonstram a qualidade do esforço interpretativo de Janio de Castro, que buscou elementos nas várias Ciências Humanas e Sociais para problematizar as festas juninas.

Dentre as proposições explicitadas, são fundamentais para a tese as teorias de Duvignaud, de Lefebvre e de Deleuze e Guattari. Duvignaud concebe as festas como momentos de transgressão, de ruptura da vida social, sobretudo na civilização ocidental moderna, que privilegiou as faculdades de trabalhar e de pensar, em detrimento da capacidade de imaginar e celebrar. Para ele, as festas podem ser de participação – congregando a comunidade – ou de representação, em que se distinguem protagonistas e espectadores. Lefebvre enfatiza a separação que se fez, na vida moderna, entre a festa e o lazer, de um lado, e o cotidiano, de outro. Contrapondo-se a Duvignaud, ele defende a reunificação das duas esferas a partir de uma ruptura revolucionária do cotidiano.

Deleuze e Guattari propõem uma interpretação da vida social a partir da distinção entre espaços lisos e espaços estriados, que são concebidos como extremos de um contínuo – não há espaço totalmente liso, nem totalmente estriado, mas uma predominância sempre em processo. O espaço liso não apresenta condutos, canais ou centro, não é metrificado nem desenhado, é múltiplo e heterogêneo. O espaço estriado, ao contrário, é dimensionado, centrado, eivado de linhas que ligam um ponto a outro. No espaço liso, o fundamental é o trajeto, que se

reinventa constantemente; enquanto no espaço estriado o trajeto é subordinado ao ponto, previamente marcado.

Além dessas teorias, são bastante utilizados os conceitos de tradição inventada, de Hobsbawm e Ranger, que destacam como práticas simbólicas são repetidas a fim de inculcar valores e normas; de territorialização, desterritorialização e reterritorialização, trabalhados por Milton Santos, que refletem a apropriação ou o estranhamento em relação a regras e comportamentos de ambientes específicos, materiais ou virtuais; e de espetáculo, tomado a Guy Debord, que atenta para o fato de que, na sociedade de massa contemporânea, a cultura é transformada em mercadoria e vivenciada passivamente, como imagem a ser desejada e consumida.

Lidas a partir desse referencial, as principais inovações que inquietam Castro são: 1) as festas juninas familiares e comunitárias – difusas, pois ocorrem simultaneamente em vários pontos – são, em parte, substituídas por festas promovidas em grandes espaços, públicos ou privados, que conformam o que o autor denomina festas concentradas; 2) essas festas atendem a interesses mercadológicos (pois mobilizam artistas de renome nacional, cuja participação exige o pagamento de altas quantias, e objetivam a dinamização do setor de comércio e serviços através do turismo) e a interesses político-partidários (uma vez que o sucesso das festas, diante da população local e principalmente expresso na grande mídia, é utilizado como argumento para conquistar votos no período eleitoral); 3) as festas deixam de ser participativas – com a inserção em práticas e rituais que rememoram crenças e valores e reforçam laços de afetividade – e passam a ser de representação, com uma massa passiva que assiste ao espetáculo de grandes artistas; e 4) a espontaneidade das festas nas casas e nas ruas (que constituem um espaço liso) é suplantada pelo planejamento racional das festas concentradas (que configuram um espaço estriado).

As festas atuais foram comparadas às festas tradicionais de São João, que têm origem em cultos cristãos e míticos do continente europeu e foram trazidas para o Brasil pelos portugueses. Por volta de 1960, essas festas eram compostas por uma parte sagrada – ligada aos rituais da Igreja Católica – e uma parte profana e popular – constituída por práticas como o acendimento de fogueiras na porta de casa, a degustação de comidas e bebidas típicas e a visita às casas de parentes, amigos e vizinhos, geralmente em grupos e ao som de forró.

A abordagem adotada por Castro é espacial, ou seja, os fenômenos são percebidos a partir da experiencição ou do vivenciamento do tempo-espço das festas juninas. Nesse sentido, são analisados – nas festas difusas e nas festas concentradas – os papéis da casa, da rua, das arenas privadas, dos espaços públicos e do deslocamento intra e intermunicipal. Se, no início da investigação, o pesquisador via como antagônicas as tradições populares e os processos de mercantilização e espetacularização das festas juninas – especulando se a retomada comunitária das tradições não poderia fazer frente à racionalização verticalmente imposta –, a observação das diversas formas de apropriação do espaço levou-o a interpretações menos totalizantes.

Se a itinerância de casa em casa e a musicalidade e os folguedos populares deixaram de ser o centro das festas, a composição de grupos de parentes ou amigos que se deslocam juntos ou se encontram nas festas concentradas desautoriza conclusões que apontem para a exclusão da afetividade do ciclo junino. Se a racionalidade política e mercantil determina o desenho das festas, a espontaneidade e o comunitarismo continuam existindo nos interstícios do espetáculo, e mesmo sendo conclamados por este, que usa o discurso da tradição para atrair os espectadores. A cooptação e a racionalização das festas juninas pelo Estado e pelo mercado não chegam a estriar completamente o espaço, constantemente surpreendido por grupos e sujeitos que o experienciam como espaço liso.

De forma geral, pode-se dizer que as interpretações de Castro recusam o receio ou julgamento do senso comum de que o São João popular acabou, de que foi substituído por um ciclo festivo mercadológico e espetacularizado. A cada dimensão espacial analisada, salta aos olhos a multiplicidade das práticas sociais e a imprevisível capacidade humana de (re)criação e de (re)territorialização nas mais diversas situações.

Embora fruto de um trabalho realizado em ambiente acadêmico, a disposição dos capítulos e a linguagem utilizada pelo escritor tornam a obra proveitosa e agradável mesmo para leitores leigos. A pesquisa possui fundamentação teórica consistente, mas é apresentada de modo a privilegiar os dados empíricos, o que aproxima a ciência do cotidiano e instiga a leitura até a última página. Como limitação a ser apontada, talvez uma explanação mais didática dos conceitos de tempo, espaço e território – tão caros às abordagens urbanistas – potencializassem a compreensão de processos que atravessam todo o texto.

Para além do êxito em relação aos objetivos da pesquisa, o livro de Janio de Castro oferece ainda outro atrativo para a comunidade científica: apesar de estar situado no campo do Urbanismo, o pesquisador não deixa de atentar para outras dimensões e fenômenos que se entrecruzam com a apropriação do espaço nas festas juninas. Alguns – como a importância contemporânea dos meios de comunicação e informação, a relação entre Estado, mercado e sociedade ou a trajetória peculiar dos espadeiros de Cruz das Almas – chegam a tomar espaço de destaque no texto. Outros – como as transformações no papel da mulher, o componente étnico de manifestações religiosas e culturais ou a interação dos moradores locais com as novas dinâmicas festivas – são apenas mencionados, pois, como afirma o próprio autor ao referir o último caso, mereceriam outra pesquisa. E assim, ao encerrar seu texto, Castro lega a seus leitores não só um testemunho do poder criativo humano, mas também um exemplo da boa ciência, que dispensa verdades definitivas e estimula novos estudos e pesquisas.

Recebido em: 21 de novembro de 2013.

Aprovado em: 13 de dezembro de 2013.